



**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT  
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

LEONARDO GARCIA DE ARAÚJO

**REINO DE DEUS OU IMPÉRIO DE HOMENS?**  
Uma possível distorção pastoral quanto à igreja local.

RIO DE JANEIRO  
2025



**Faculdade Batista**  
do Rio de Janeiro

**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO**

LEONARDO GARCIA DE ARAÚJO

**REINO DE DEUS OU IMPÉRIO DE HOMENS?**

**Uma possível distorção pastoral quanto à igreja local.**

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Elildes Fonseca

RIO DE JANEIRO

2025

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Senhor e salvador Jesus Cristo, pelo dom da vida e pela enorme graça misericordiosa que derramou sobre minha vida. Vida essa que andava muito distante de querer viver sob a vontade de Deus, quanto mais se envolver no Reino e me capacitar para servir ao próximo. Posso dizer claramente que Jesus Cristo me tirou de um profundo abismo, onde eu estava atolado pelos meus pecados, prestes a pagar pelo preço de cada um deles.

Sem merecer o seu amor, pelo contrário, em pleno carnaval, buscando prazeres carnais. Mas Ele foi ao meu encontro, e quando o Diabo já havia armado uma grande arapuca para ceifar a minha vida, Ele com seu grande amor me livrou da morte e me trouxe a vida.

Por isso e por tantas outras provas de amor que Jesus Cristo me deu, vim para o Seminário Batista do Sul para me capacitar e encontrar outros irmãos como eu, que anseiam em viver uma vida para o reino de Deus.

Agradeço por cada um dos meus professores, pelo tempo dedicado a nos ensinar. Cada um com a sua importância, com sua preciosa contribuição para que pudéssemos chegar até aqui. Que Deus abençoe a cada um deles.

Agradeço a cada pastor e irmão que esteve ao meu lado e de alguma forma contribuiu ao longo desses onze anos de caminhada cristã, para que eu pudesse estar aqui de pé hoje.

E agradeço a minha esposa Rejane e meus filhos Júlia, Alice e Arthur, pois além de abrirem mão de preciosos tempos juntos, foram o meu porto seguro durante esses quatro anos de Seminário.

# REINO DE DEUS OU IMPÉRIO DE HOMENS?

## Uma possível distorção pastoral quanto à igreja local.

Leonardo Garcia de Araújo<sup>1</sup>  
Elildes Junio Macharete Fonseca<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisa os desvios pastorais na condução das igrejas locais, destacando como práticas contrárias à Palavra de Deus prejudicam o crescimento saudável do corpo de Cristo e o avanço do Seu Reino. O estudo apresenta diferentes níveis de consciência quanto aos desvios, desde aqueles inconscientes até atos totalmente intencionais que se distanciam dos princípios bíblicos. Além disso, traça um breve panorama histórico, incluindo o exemplo da Igreja Católica e a Reforma Protestante, evidenciando como a vaidade e a busca pelo poder humano podem comprometer a liderança espiritual. Por fim, propõe soluções fundamentadas em princípios bíblicos para fortalecer a vocação pastoral e garantir que a igreja caminhe alinhada à vontade divina.

**Palavras-chave:** liderança pastoral; desvios espirituais; igreja local; ética cristã.

### ABSTRACT

This article analyzes pastoral deviations in the leadership of local churches, highlighting how practices contrary to the Word of God hinder the healthy growth of the body of Christ and the advancement of His Kingdom. The study presents different levels of awareness regarding these deviations, ranging from unconscious acts to intentional behaviors that stray from biblical principles. Additionally, it provides a brief historical overview, including the example of the Catholic Church and the Protestant Reformation, demonstrating how vanity and the pursuit of human power can compromise spiritual leadership. Finally, it proposes solutions grounded in biblical principles to strengthen pastoral vocation and ensure that the church progresses in alignment with God's will.

**Key-words:** pastoral leadership; spiritual deviations; local church; Christian ethics.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT / Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela PUC-Rio; bacharel e mestre em Teologia pelo Seminário do Sul/FABAT; licenciado em Letras (português/grego) pela UFF; graduado em Liderança Avançada pelo Instituto Haggai.

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é abordar diferentes formas pelas quais pastores têm conduzido as igrejas locais de maneira contrária aos mandamentos bíblicos, trazendo grandes prejuízos para o avanço do Reino de Deus. Para isso, o estudo pretende analisar a atuação pastoral de forma crítica, mantendo o foco nos desajustes de conduta, sem perder a clareza e a objetividade na apresentação das ideias.

Pretende-se apresentar os principais desvios pastorais na condução das igrejas locais, organizando-os de acordo com diferentes níveis de consciência: desde desvios despercebidos ou inconscientes, passando por aqueles dos quais alguns líderes têm ciência, mas encontram motivos para permanecer em tais práticas, até situações em que a liderança se encontra totalmente fora dos padrões bíblicos, sem buscar alinhamento com a vontade de Deus.

O artigo fará um breve panorama histórico, trazendo dados que explicam fatores que contribuíram para a realidade atual da forma de governo e liderança em nossas igrejas, destacando como o pecado, enquanto agente central, se manifesta nas práticas contrárias à vontade de Deus entre líderes e pastores. Dessa forma, busca-se mostrar a complexidade do problema, relacionando contextos históricos, atitudes conscientes e inconscientes, e implicações teológicas.

Por fim, o estudo pretende propor soluções que contribuam para que a vocação pastoral se mantenha alinhada com a vontade de Deus, priorizando princípios bíblicos em detrimento da própria vontade humana, de modo a fortalecer a liderança e garantir que a igreja avance em consonância com os propósitos divinos.

## 2. A TRISTE REALIDADE QUANTO À LIDERANÇA NAS IGREJAS LOCAIS

O chamado pastoral é, sem dúvida, um dos maiores privilégios que podemos exercer como servos de Deus. Contudo, a base deste ministério, assim como toda ação da igreja, deve estar firmemente alicerçada nas Escrituras Sagradas. Segundo Lidório (2018), “O termo pastores (poimen) se refere aos que amavam e cuidavam do rebanho de Cristo, Trata-se daqueles que são usados por Deus para juntar, alimentar e cuidar do povo do Senhor.”<sup>3</sup>

Infelizmente, o que se observa em muitas igrejas locais atualmente são pastores que, por diversos motivos, têm se afastado dos princípios de seu chamado, claramente exemplificados na orientação de Jesus a Pedro em:

Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: "Apascenta as minhas ovelhas." (João 21:15-17, ARA)<sup>4</sup>

Para cumprir esse mandamento, é necessário que o pastor abra mão de suas próprias vontades ou interesses individuais, direcionando todos os esforços para que as ovelhas confiadas a seu cuidado sejam efetivamente apascentadas.

O que se percebe, porém, é uma tendência de algumas lideranças em priorizar “seus ministérios” em detrimento do crescimento do Reino de Deus por meio da igreja local, que não apenas deve receber e apascentar as ovelhas de Cristo, mas também servir como referência espiritual e social na comunidade em que está inserida.

---

<sup>3</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

<sup>4</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

## 2.1 Replicando erros de forma inconsciente

É difícil compreender como um pastor pode replicar modelos equivocados de liderança pastoral quando a Bíblia oferece instruções claras sobre o pastoreio. Entretanto, é importante reconhecer que o pastor, assim como qualquer ser humano, é suscetível ao pecado e à influência de modelos incorretos. Paul Tripp, em seu livro *Vocação Perigosa* (2024, p. 45), exemplifica como essa influência pode se iniciar já nos anos de seminário:

Estou convencido de que a crise de cultura pastoral frequentemente começa nas salas do seminário. Ele inicia com uma maneira de lidar com a palavra de Deus que é distante, impessoal, baseada em informações. Ela começa com pastores que, em seus anos de seminário, tornaram-se bastante satisfeitos em manter a Palavra de Deus distante do seu próprio coração. Começa com matérias que são acadêmicas sem serem pastorais. Começa com cérebros se tornando mais importantes do que corações. Começa com pontuações em testes sendo mais importantes do que caráter<sup>5</sup>. (TRIPP, 2024, p. 45)

Tomando como base a observação de Tripp, é possível compreender que, se desde a formação inicial do pastor as coisas não caminham de acordo com os princípios bíblicos, sua atuação futura em uma igreja local poderá ser equivocada. Essa igreja, por sua vez, exercerá influência sobre futuros seminaristas e líderes, contribuindo para a consolidação de uma tradição paralela às Escrituras.

À medida que essa cultura se enraíza nas denominações evangélicas, torna-se cada vez mais difícil revertê-la. Infelizmente, aqueles que, movidos pela vontade de Deus, tentam confrontar e corrigir tais práticas são frequentemente percebidos como problemas dentro do sistema estabelecido. Paul Tripp afirma que:

Sejamos honestos: existem lutas demais pelo poder na igreja local. O ministério do evangelho facilmente se torna politizado. O orgulho o leva a uma fome pelo poder (mesmo que você nem saiba disso); a fome pelo poder leva você a juntar aliados ministeriais, e o desejo de controle o leva a localizar inimigos ministeriais. De alguma maneira, o ministério do evangelho tem se tornado um campo de batalha político pelo poder

---

<sup>5</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

humano. Esta é uma forma de ministério que tem perdido o seu centro. Jesus saiu do recinto. Um rei está sendo colocado à frente, mas não o Rei. Um reino está sendo edificado, mas não o Reino. Se, como pastor, você está sendo pastoral, está fazendo isso por outros; mas se, como pastor, você se tornou político, está fazendo isso para si mesmo<sup>6</sup>. (TRIPP, 2024, p. 149)

## 2.2 Sobrevivência em meio a desobediência

Segundo Paul Tripp, um grande desafio para o pastor é reconhecer o poder que o medo de homens tem de desviar ou enganar o ministério. Isso fica claramente retratado em Gálatas 2:11-14. Pedro não apenas comprometeu, mas abandonou o ministério aos gentios para o qual Deus o havia chamado, porque temia os “da circuncisão”. A crítica de Paulo é direta: a conduta de Pedro “não procedia corretamente segundo a verdade do evangelho”, e por isso ele foi confrontado.

Quanto do ministério é distorcido por ações, reações e decisões enraizadas não no temor do Senhor, mas no medo de homens? Com que frequência isso compromete a obra do evangelho? Quantas vezes leva pessoas a tropeçarem? Quantas vezes somos tentados a agir de modo contrário ao que afirmamos crer? Quanto da agenda das nossas igrejas está sendo definida pelo medo de homens? Com franqueza e humildade, precisamos continuar fazendo essas perguntas<sup>7</sup>.

Mesmo em meio a esses desafios, Paul Tripp (2024) nos traz à lembrança que "Ao ser chamado por Deus para um ministério específico de acordo com o dom que ele lhe dá, não se angustie se não souber para onde será enviado ... Deus, que o vocacionou, também o sustentará<sup>8</sup>." e ainda diz:

Você sempre vive e ministra com a dificuldade de não saber. Tanto na vida quanto no ministério, você é chamado para confiar e obedecer, crendo que Deus guiará e proverá. Você e eu não sabemos o que o próximo momento trará, muito menos próximo mês ou ano. A segurança nunca será encontrada em nossas tentativas de calcular tudo ou de tentar adivinhar a vontade secreta de Deus, Sua vontade secreta é

---

<sup>6</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>7</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>8</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

chamada "vontade secreta" porque é secreta. Porém, em tudo isso, graças a você ser um ser humano racional, existe um desejo de conhecer, de imaginar com antecedência. Quanto mais você se concentra no futuro, mais você dá lugar ao temor quanto ao futuro e mais você fica confuso e desmotivado quanto ao aqui e agora.<sup>9</sup> (TRIPP, 2024, p. 123)

### 2.3 A política na igreja

Um dos maiores perigos que cercam a liderança e a igreja local é permitir que as decisões ministeriais sejam guiadas por interesses humanos e não pela vontade de Deus. Quando deixamos que o ego, o reconhecimento e a ambição pessoal conduzam nossas ações, a missão do evangelho corre o risco de ser distorcida, perdendo seu propósito central: glorificar a Deus e servir ao próximo com fidelidade e amor. Lidório afirma que:

O outro extremo do perigo eclesiológico é sermos luz que brilha e sal que salga, mas o fazemos pelas motivações da carne e não de Deus. Dessa forma, o plantio, crescimento e multiplicação de igrejas ocorrem misturados à busca pelo destaque entre os pares, pela fama na denominação ou pelo aplauso dos amigos, aniquilando o sincero desejo de trabalhar apenas para Deus, por Deus e para a glória de Deus<sup>10</sup>. (Lidório, 2024, p. 10.)

Quando o ministério se torna palco de políticas internas e disputas pelo poder, os frutos espirituais são inevitavelmente comprometidos. A igreja deixa de ser um espaço de edificação e se transforma em arena de interesses pessoais, onde a verdadeira missão de conduzir almas e formar discípulos é colocada em segundo plano. É necessário que os líderes reflitam constantemente: estou servindo a Deus ou aos homens? O verdadeiro sucesso ministerial não é medido pelo reconhecimento humano, mas pela fidelidade ao chamado que Ele nos confiou.

---

<sup>9</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>10</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

## 2.4 A igreja possui um Dono

Uma das maiores distorções no exercício da liderança pastoral é quando o pastor começa, mesmo sem perceber, a agir como se a igreja fosse sua. Quando a imagem pessoal, a opinião própria e o desejo de controle se tornam maiores do que a vontade de Deus, a liderança deixa de servir ao Reino e passa a servir a si mesma. Esse é um terreno perigoso, porque cria ambientes onde a igreja deixa de girar em torno de Cristo e passa a girar em torno de uma figura humana, algo totalmente oposto ao que as Escrituras ensinam sobre quem é o verdadeiro Dono da igreja. Sobre isso, Lidório afirma:

Essa “igreja de Deus” também nos leva a observar com muita cautela e apreensão todo e qualquer movimento eclesialístico por demais personalista. Parece-me que a igreja que é plantada e cresce de forma saudável, apesar de seguir e ouvir seus líderes, não orbita ao redor de uma ou duas figuras humanas, mas de Deus. Também deve nos encorajar a não nutrir sonhos pessoais, e sim buscar os sonhos de Deus. A noiva pertence ao Noivo. Não temos sobre ela direito ou poder, apenas responsabilidade, alegria e serviço. <sup>11</sup>. (Lidório, 2024, p. 58.)

Essa compreensão também nos confronta quanto aos perigos do orgulho pastoral. Quando o líder está cheio de si, convencido de que é o mais capaz, ele perde a capacidade de enxergar e valorizar os dons que Deus distribuiu à igreja. Isso mata o espírito de comunidade e destrói qualquer possibilidade de um ministério compartilhado. A arrogância transforma o pastor em uma celebridade religiosa e a igreja em uma plateia. O orgulho nunca constrói; ele apenas divide, sufoca e impede que o corpo de Cristo funcione como corpo, onde cada membro tem seu lugar, valor e contribuição. Paul Tripp nos alerta que:

Quando você está cheio de si mesmo, quando está muito seguro de si, você tenderá a pensar que é a pessoa mais capaz no círculo do seu ministério. Você achará difícil reconhecer e estimar os dons dados por Deus a outros e, por não fazê-lo, será difícil para você fazer do seu ministério um processo comunitário. Pensar de si mesmo mais do que deve pensar sempre leva a desprezar os outros de alguma forma. É a humildade pessoal e a miséria que o induzirão a procurar e valorizar os dons e contribuições de outras pessoas. Pastores que pensam de si como celebridades são propensos a não gostar de processos de grupo e tendem a ver a delegação de atividades como desperdício de tempo. Em seu coração, eles pensam: “Por que eu deveria dar a outro o que eu mesmo

---

<sup>11</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

poderia fazer melhor?”. O orgulho pastoral aniquilará o ministério compartilhado e o ministério essencial do corpo de Cristo. <sup>12</sup> (Tripp, 2024, p. 167)

## 2.5 Apostasia

Dentro da caminhada pastoral, um dos perigos mais sutis — e mais devastadores — é perceber quando o coração começa a se acostumar com aquilo que antes o fazia tremer. A apostasia não nasce de um dia para o outro; ela se constrói em pequenas concessões, em distrações espirituais, e em uma confiança exagerada em nós mesmos. É sempre um processo silencioso, e justamente por isso tão perigoso. Quando perdemos a sensibilidade ao Espírito, tudo no ministério passa a correr risco: nossa integridade, nosso amor por Deus e até nossa relação com as pessoas que lideramos.

Paul Tripp descreve esse processo com precisão ao explicar como o coração vai se “afastando”. Segundo ele, quando cortamos a corda que nos ancora na graça de Cristo, inevitavelmente somos levados pela correnteza das tentações. O resultado é um coração endurecido — algo que antes nos inquietava já não incomoda mais; o que sabíamos ser errado começa a caber dentro dos nossos limites; aquilo que deveria ser corrigido passa a ser normalizado. O problema não é apenas o pecado em si, mas o fato de estarmos confortáveis com ele. Não há lugar mais perigoso para um cristão estar<sup>13</sup>. (Tripp, 2024, p. 63).

E, como Tripp também alerta, muitas vezes esse afastamento é alimentado por um dos venenos mais fortes do ministério: a busca pela própria glória. Poucas coisas são tão embriagantes quanto o elogio das pessoas, e poucos pecados são tão destrutivos quanto se satisfazer com a própria imagem. Esse orgulho torna o pastor inacessível, difícil de corrigir e cada vez mais cego à sua própria condição. Ele passa a desprezar quem pensa diferente, cria um círculo de pessoas que apenas concordam, e perde a capacidade de ouvir — exatamente o ambiente onde a apostasia se instala sem resistência<sup>14</sup>. (Tripp, 2024, p. 155).

---

<sup>12</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>13</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>14</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

Por isso, lidar com a apostasia exige mais do que alertas: exige vigilância. O coração pastoral precisa permanecer constantemente submetido à graça, dependente de Deus e consciente de suas fragilidades. Não se trata de viver com medo, mas de reconhecer que nenhum de nós está acima da queda. O pastor que entende isso não se torna paranoico — torna-se humilde. E a humildade, diferente do elogio, não embriaga; ela desperta. Mantém o coração macio, atento e sensível ao Espírito. É assim que evitamos o endurecimento, e é assim que permanecemos firmes na fé.

### **3. DESAFIO HISTÓRICO**

Quando analisamos a trajetória da igreja ao longo dos séculos, percebemos que muitos dilemas que enfrentamos hoje não surgiram do nada — eles têm raízes profundas na história. Todo pastor precisa olhar para trás com humildade, não apenas para aprender com os acertos, mas também para reconhecer como desvios estruturais e morais podem corroer uma comunidade inteira ao longo do tempo. E, olhando para os registros históricos, vemos que quando o coração da liderança perde sua integridade, toda a igreja sofre as consequências.

David Bledsoe descreve com clareza o cenário da Igreja Católica Romana nos últimos séculos da Idade Média. O declínio espiritual não apareceu de repente; ele foi alimentado por inconsistências éticas que iam desde a sede de poder político até práticas de imoralidade e abuso financeiro. A corrupção, segundo Bledsoe, começou no topo da hierarquia e se espalhou para toda a estrutura. A maioria dos papas daquele período viveu de forma oposta à piedade que deveriam representar, marcados por luxos, ambições mundanas e até escândalos familiares<sup>15</sup>. (Bledsoe, 2024, p. 203).

Bruce Shelley também registra como mudanças estruturais afetaram a vida da igreja desde os primeiros séculos. Ele mostra que a transição para o modelo de um único bispo como figura central não foi imediata; ela ocorreu gradualmente, influenciada por necessidades práticas, conflitos doutrinários e demandas administrativas. Algumas regiões adotaram o sistema rapidamente, outras

---

<sup>15</sup> BLEDSOE, David Allen. Igreja Regenerada. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2024.

demoraram décadas. Mesmo assim, a forma como esse modelo era aplicado variava bastante — pequenas igrejas tinham seus próprios bispos, enquanto regiões maiores eram supervisionadas por uma autoridade central. Essa diversidade revela que a estrutura eclesiástica sempre foi um terreno complexo, moldado pela realidade de cada comunidade<sup>16</sup>. (Shelley, 2008, p. 90–91).

Ao olhar para esse panorama histórico, percebemos um alerta importante: qualquer estrutura, por mais funcional que pareça, pode se desviar do propósito original quando perde o foco no evangelho. A história não serve apenas para ser estudada, mas para nos lembrar que sem vigilância espiritual, humildade pastoral e fidelidade às Escrituras, os erros de ontem se repetem amanhã. A liderança da igreja não é imune à corrupção — e exatamente por isso precisa ser constantemente avaliada, corrigida e submetida a Cristo, o verdadeiro Senhor da igreja.

#### **4. PRINCIPAIS MODELOS DE GOVERNO E SUAS CONTRIBUIÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS**

Antes de analisarmos os diferentes modelos de governo eclesiástico — episcopal, presbiterianismo e congregacional — é importante reconhecer que cada forma de liderança traz consigo tanto benefícios quanto desafios. Nenhum modelo é perfeito; todos foram desenvolvidos ao longo da história da igreja com o objetivo de organizar a comunidade, proteger a fé e promover o crescimento espiritual.

Entretanto, cada estrutura também carrega riscos inerentes, que podem favorecer abusos de poder, centralização excessiva ou descompromisso comunitário. Compreender essas vantagens e limitações nos ajuda a avaliar como podemos manter nossas igrejas fiéis à missão de Cristo, evitando repetir erros históricos e estruturais que desviaram a liderança de seu verdadeiro propósito.

##### **4.1 Episcopado**

Um dos maiores desafios ao se estudar a liderança da igreja primitiva é compreender como a autoridade foi organizada sem comprometer o princípio do

---

<sup>16</sup> SHELLEY, Bruce. História do Cristianismo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

serviço. Desde cedo, surgiu a necessidade de definir quem deveria guiar as comunidades e como essa liderança deveria ser estruturada. A preocupação não era apenas administrativa, mas também espiritual: como garantir que o cuidado das ovelhas permanecesse fiel à missão de Cristo e não fosse distorcido pelo poder humano? Dever traz que:

Uma das primeiras respostas à questão de quem deve governar foi “o bispo”. Como demonstramos antes, a palavra “bispo” (*episkopos*) é usada no Novo Testamento em correlação com as palavras que significam presbítero e pastor. As afirmações no Novo Testamento que ressaltam a autoridade dos líderes da igreja (cf. Hebreus 13:7, 17; 1 Pedro 5:2) apontam para o pastor como aquele que possui responsabilidade e autoridade na igreja. No século II, os pastores de cidades importantes tinham autoridade acumulada, às vezes incluindo autoridade sobre igrejas em áreas próximas e recém-evangelizadas. Desde o segundo até o quarto século, a diocese (tirada da palavra latina que significava um distrito na administração civil dos romanos) se desenvolveu como uma área eclesiástica que tinha um único bispo como seu chefe. Embora seus deveres e responsabilidades variassem, os bispos são reconhecidos nesse sentido por muitas igrejas, incluindo a Ortodoxa Oriental, a Igreja Católica Romana, igrejas luteranas, anglicanas e metodistas. As igrejas Ortodoxa Oriental e Católica Romana consideram esse ofício como estabelecido por Deus<sup>17</sup>. (DEVER, 2015, p. 165.)

Essa evolução histórica do episcopado nos mostra que a liderança centralizada sempre teve como objetivo equilibrar autoridade e cuidado pastoral. Porém, ela também nos alerta para o perigo do poder concentrado: a responsabilidade sobre múltiplas comunidades exige não apenas capacidade administrativa, mas, acima de tudo, fidelidade, humildade e serviço. Entender o desenvolvimento do episcopado ajuda os líderes contemporâneos a refletirem sobre até que ponto a autoridade deve ser exercida para edificar o corpo de Cristo, sem transformar a igreja em instrumento de controle humano.

## 4.2 Presbiterianismo

Com o advento da Reforma Protestante, segundo Dever, surgiu um novo interesse pela estrutura da igreja, fundamentado diretamente no ensino bíblico. A pluralidade de presbíteros, já evidenciada no Novo Testamento, foi redescoberta e valorizada como modelo adequado de liderança. Para implementar essa visão, grupos de ministros foram instituídos como substitutos apropriados para os bispos

---

<sup>17</sup> DEVER, Mark. Igreja: o evangelho visível. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

nos cantões suíços que adotavam a Reforma nos séculos XVI e XVII<sup>18</sup>. (DEVER, 2015, p. 166-167).

Seguindo a obra de Heinrich Bullinger, em Zurique, e de João Calvino, em Genebra, outros começaram a se organizar de acordo com um sistema presbiteriano. Congregações reformadas surgiram na Holanda, Escócia, Hungria, Alemanha, Polônia e França. Na Escócia, John Knox assumiu o desafio de reformar a igreja estabelecida de uma nação inteira conforme as linhas desse sistema que julgou ser bíblico. A Assembleia Geral nacional se tornou o árbitro final reconhecido na Igreja da Escócia. Thomas Cartwright, em Cambridge, começou a ensinar o presbiterianismo em 1570, em suas palestras sobre o livro de Atos<sup>19</sup>. (DEVER, 2015, p. 166-167).

### **4.3 Congregacionalismo**

Os defensores do congregacionalismo, conforme aponta Dever, entendem que a Bíblia ensina que a congregação local é a principal responsável por sua doutrina e disciplina. Questões de conflito entre membros (cf. Mateus 18:15-17), de ensino (cf. Gálatas 1:8; 2 Timóteo 4:3), de disciplina da igreja (cf. 1 Coríntios 5) e de membresia (cf. 2 Coríntios 2:6-8) são, todas, consideradas responsabilidades diretas da congregação. Ainda segundo o próprio autor: “Nenhuma outra autoridade pode se impor .... Nem pode a congregação delegar essa autoridade a um presbítero ... postergando, assim, sua própria responsabilidade diante de Deus por doutrina ou disciplina<sup>20</sup>. (Dever, 2015, p. 169).

## **5. SE VOLTANDO PARA O EVANGELHO**

Diante de todos os desafios que a liderança e a estrutura da igreja podem apresentar, torna-se essencial retornar ao fundamento: o evangelho de Cristo. Toda ação ministerial precisa ser medida à luz da Palavra e motivada por um coração submisso a Deus. É preciso examinar nossas intenções, reconhecer nossas falhas e buscar a direção do Espírito para que nosso serviço não se perca em interesses pessoais, reconhecimento humano ou ambições eclesiais. Lidório nos faz um convite:

Fujamos, portanto, dos perigos pragmático, sociológico e eclesiológico. Sigamos a vida e o serviço a Deus com profundo temor à Palavra e debaixo de muita oração, pedindo a Deus que sonde nossos corações e nossas reais motivações. Caminhemos intencionalmente negando fazer

---

<sup>18</sup> DEVER, Mark. Igreja: o evangelho visível. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

<sup>19</sup> DEVER, Mark. Igreja: o evangelho visível. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

<sup>20</sup> DEVER, Mark. Igreja: o evangelho visível. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

qualquer coisa para a glória de qualquer outro que não seja Jesus Cristo<sup>21</sup>. (Lidório, 2018, p. 11.)

## 5.1 Uma vida condizente com seu chamado

Lidório aponta que os líderes da igreja devem ser respeitáveis não apenas dentro da comunidade de fé, mas também para aqueles de fora dela. A vida do pastor e de outros líderes deve refletir o evangelho em suas ações cotidianas, tornando visível a esperança e a verdade que Cristo oferece. O amor de Deus se torna mais evidente através de vidas puras, e a forma como os líderes interagem com autoridades, vizinhos e colegas de trabalho deve sempre recomendar o evangelho, servindo como testemunho vivo da mensagem que pregam:

Aqueles que lideram a igreja não devem ser homens que trazem infâmia ao evangelho, mas homens cujas vidas elevam o evangelho como a gloriosa luz de esperança e verdade no mundo. O amor de Deus pelo mundo brilha mais claramente por meio de vidas puras. Para que toda a igreja seja orientada em direção aos seus propósitos, a interação de seus líderes com as autoridades, seus vizinhos e seus empregadores devem recomendar o evangelho a eles<sup>22</sup>. (Lidório, 2018, p. 95.)

Além disso, segundo ele, o pastor deve guardar o seu coração, pois é na arena do coração que a vitória ou o fracasso ministerial se definem. A história da igreja mostra líderes que brilharam em suas funções, mas falharam em suas famílias ou em seus relacionamentos próximos. A Bíblia enfatiza repetidamente a importância do coração puro e íntegro, lembrando que Deus olha para o interior do homem, não apenas para a aparência externa:

Portanto, o vocacionado deve, sobretudo, guardar o seu coração. É na arena do coração que seremos vitoriosos ou fracassaremos. A História está repleta de ministros que exerceram com destaque e maestria suas funções ministeriais, mas fracassaram na família e entre os de perto. A Palavra usa expressões como “coração puro” (Sl 51:10), “de todo o teu coração” (Mt 22:37), “integridade do seu coração” (Sl 78:72) e “santidade ao Senhor” (Êx 28:36) para nos fazer entender que “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16:7).<sup>23</sup>. (Lidório, 2018, p. 75.)

---

<sup>21</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

<sup>22</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

<sup>23</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

## 5.2 O perigo do isolamento

Para compreender o grande perigo de viver isolado, especialmente na liderança, é preciso, segundo Paul Tripp, levar a sério o que a Bíblia diz sobre a presença e o poder do pecado remanescente. Nenhum líder, por mais influente que seja, está isento da necessidade do corpo de Cristo. Assim como todos os membros dependem uns dos outros, o pastor também precisa ser parte de uma comunidade que o sustente, oriente e confronte quando necessário. A separação ou o isolamento pastoral não é apenas antibíblica, mas espiritualmente prejudicial:

Se Cristo é a cabeça do seu corpo — e ele é — então tudo o mais é apenas corpo ... No Novo Testamento não existe indicação de que o pastor seja uma exceção à regra de tudo o que é dito sobre a interconectividade e o ministério necessário do corpo de Cristo. O que é verdadeiro sobre os membros tidos como menos significantes do corpo também é verdade sobre o pastor<sup>24</sup>. (Tripp, 2024, p. 61-62)..

Além disso, todo cristão, seja pastor ou membro da congregação, precisa de supervisão, encorajamento e correção de outros. A vida cristã não foi projetada para ser vivida isoladamente, e a graça de ter o nosso entendimento espiritual revelado e corrigido por outros é o que nos protege da cegueira e do endurecimento do coração. Reconhecer a essencialidade do ministério comunitário é admitir humildemente que nenhum exame próprio é totalmente confiável sem a intervenção de outros.

E do que esse ministério diário de intervenção está nos protegendo? A resposta deve trazer sobriedade a todos nós: a graça de ter as nossas conversas particulares interrompidas pelo ministério revelador de outras pessoas está nos protegendo de nos tornarmos espiritualmente cegos até o ponto de endurecer o nosso coração ... Todo pastor precisa de pessoas em sua vida para se ver com precisão bíblica<sup>25</sup>. (Tripp, 2024, p. 64-65).

## 5.3 Um Corpo sadio

Na visão de Paul Tripp, em muitas igrejas, os pastores não conhecem profundamente seus líderes, e os líderes não conhecem de fato uns aos outros. Na maioria das comunidades de liderança, não se investe tempo suficiente para formar um grupo unido, espiritualmente maduro e capaz de ministrar uns aos

---

<sup>24</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

<sup>25</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

outros. O objetivo do pastor deveria ser que os grupos de liderança fossem os pequenos grupos mais espiritualmente fortes e ativos da igreja.

Ainda conforme o autor, quando isso acontece de verdade, outros grupos da igreja olham para essa comunidade de líderes e pensam: “Se ao menos o nosso grupo fosse assim!” Cada encontro da liderança deve incluir momentos de confissão, oração e cuidado mútuo. Retiros de liderança podem fortalecer esses vínculos, permitindo compartilhar experiências, confessar falhas e orar uns pelos outros. As reuniões ministeriais devem ser oportunidades para buscar oração e crescimento nas áreas onde cada líder precisa.

É importante lembrar, conforme Tripp aponta, que o impacto de qualquer ministério não será determinado apenas pelo conhecimento, pela habilidade ou pelo planejamento estratégico do grupo, mas pelo estado espiritual e pelo coração de cada um que lidera. Não podemos permitir que as tarefas e responsabilidades da igreja destruam a chance de que os líderes funcionem como uma comunidade espiritual vibrante e saudável<sup>26</sup>. (Tripp, 2024, p. 194-195).

## **6. CONCLUSÃO**

É fundamental reconhecermos o declínio na forma como a igreja local tem sido liderada, não apenas pelo crescimento saudável do corpo de Cristo e pela expansão do Seu Reino, mas, como já foi dito, também pelo cuidado com o futuro da igreja. Temos o exemplo da Igreja Católica Apostólica Romana, que demonstra como a vaidade e a busca pelo poder humano podem conduzir uma igreja a um abismo profundo. A Reforma Protestante, apesar de suas falhas, foi uma ação poderosa do Espírito Santo para resgatar o Evangelho e permitir que a humanidade visse a vontade de Deus.

Não podemos nos iludir diante do poder destruidor de Satanás e do seu reino das trevas. Assim como ele se utilizou da corrupção humana para distorcer a verdade de Deus e espalhar mentiras dentro do domínio católico, hoje ele age em nossas igrejas locais, explorando a inclinação de nossos corações para o pecado.

---

<sup>26</sup> TRIPP, Paul David. *Vocação perigosa*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.

Precisamos estar alertas e vigilantes, como bons soldados em meio à guerra espiritual, voltando-nos para a nossa maior fortaleza: a segurança da Palavra de Deus. Devemos caminhar com a certeza de que temos um Senhor que não apenas nos instruiu em tudo que devemos fazer, mas também nos governa em meio a todo engano e tentação, protegendo e orientando Sua igreja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BLEDSOE, David Allen. **Igreja Regenerada**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2024.

DEVER, Mark. **Igreja: o evangelho visível**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

DEVER, Mark. **Nove Marcas de uma Igreja Saudável**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2024.

JAMES, John Angell. **A grandeza do pastorado: um ministério que faz diferença em um mundo indiferente**. São Paulo: CPAD, 2015.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

LOPES, Hernandes Dias; CASIMIRO, Arival Dias. **Revitalizando a Igreja: na busca por uma igreja viva, santa e operosa**. São Paulo: Hagnos, 2012.

RAMOS, Ariovaldo. **Nossa Igreja Brasileira**. São Paulo: United Press, 2002.

SHELLEY, Bruce. **História do Cristianismo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TRIPP, Paul David. **Vocação perigosa**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2024.